6. Considerações Finais

Toda unanimidade é burra.
Quem pensa com a unanimidade não precisa pensar.
NELSON RODRIGUES

Este projeto surgiu de um interesse particular na prosa de Nelson Rodrigues e de uma curiosidade provocada pela falta de traduções existentes de um dos mais importantes autores brasileiros do século XX. Não entendi como um autor tão querido por um país de dimensões continentais pudesse se manter apenas como fenômeno nacional, praticamente sem ultrapassar fronteiras, num momento em que os olhos do mundo estão cada vez mais fixados no Brasil.

Tive a sorte de poder trabalhar com vários estudos que enfocaram a obra Nelson. Assim, conheci de perto um autor cuja identidade ainda se encontra em formação na própria cultura fonte. Ainda não se pode dizer com exatidão até que ponto a sua influência vai continuar a se espalhar na cultura brasileira, quantos autores e cronistas e jornalistas e dramaturgos vão se moldar em sua imagem, quantos discursos vão começar com suas frases feitas, quantas de suas obras vão ser reproduzidas nos palcos e telas do Brasil e o mundo afora.

A dissertação teve o duplo objetivo de examinar a função da tradução de *A vida como ela é...* no polissistema literário norte-americano, com base nos pressupostos da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (1990), da abordagem descritivista de Gideon Toury (1995) e das ideias de André Lefevere, em especial o conceito de *patronagem* (1992), e de analisar o produto em si, inclusive os efeitos das escolhas tradutórias de Alex Ladd, em três contos selecionados a partir da proposta de categorização de estratégias para a tradução de referentes culturais elaborada por Javier Franco Aixelá (1996).

A pesquisa mostrou que até 2009 só existia uma tradução para o inglês das obras do escritor: uma coletânea de dois volumes de suas peças em inglês, organizada e traduzida por seu próprio filho Joffre Rodrigues e publicada pelo Ministério da Cultura do Brasil. A tradução de Alex Ladd representa um dos primeiros passos da cultura-alvo no esforço de introduzir uma das vozes mais criativas da literatura brasileira ao público leitor de língua inglesa que aconteceu graças à intervenção de uma editora norte-americana disposta a apostar em autores pouco conhecidos na cultura-alvo.

No entanto, esta dissertação também procurou mostrar as dificuldades associadas ao desafio de traduzir um autor cujo carácter carioca se manifestou no uso da linguagem. Como foi visto, a própria linguagem de Nelson traz uma série de evocações para o leitor brasileiro: uma época, uma visão do Brasil, uma cidade, um bairro, além das questões eternas da vida.

A dificuldade para o eventual tradutor de Nelson Rodrigues inclui decidir como lidar com a questão da aparente informalidade e o uso de gírias e linguagem coloquial. Uma coluna escrita no jornal *O Globo* pelo economista e diretor-executivo pelo Brasil no Fundo Monetário Internacional, Paulo Nogueira Batista Jr., em homenagem aos 30 anos da morte de Nelson Rodrigues também comentou sobre esse estilo rodriguesano que parecia ser tão natural.

Custa muito alcançar, por exemplo, uma escrita coloquial e conversar, simplesmente conversar com o leitor. A versão escrita da linguagem falada não é reprodução pura e simples. É imitação trabalhada, burilada, sutilmente estilizada. Não há atalhos. Bem sei que a maioria dos cronistas de jornal acredita na simplicidade e procura conquistar o leitor nessa base. Imagina que o segredo é dar vazão às próprias intuições, sentar na frente do computador e mandar ver. O resultado, em geral, é a propagação da banalidade e do lugar comum. (Batista, 2010)

Como Batista bem apontou, escrever com naturalidade, conversando com o leitor, é um processo complexo e trabalhoso. Ou, nas palavras do próprio Nelson Rodrigues: “Meus diálogos são realmente pobres. Só eu sei o trabalho que me dá empobrecê-los” (Castro, 1997, p. 47). Ladd reconhece a necessidade de reproduzir o estilo de Nelson no inglês, mas admite que “tentava não forçar a questão. Afinal, seu estilo sempre pareceu sair tão sem esforço.”⁸⁸ (Ladd, 2009, p.vi)

Perguntado sobre a dificuldade de traduzir as peças de Nelson, em uma entrevista concedida após a publicação de *Life As It Is* Ladd respondeu,

[f]elizmente, sua prosa é mais fácil, mas apresenta seus próprios desafios. Uma das coisas que descobri ao traduzir suas peças e contos é que ele era um grande estilista. Se você tenta traduzir Nelson e não traduz seu estilo, você fracassou. Nos contos de *Life As It Is* há uma tensão muito grande entre a linguagem culta e a popular.⁸⁹ (Ladd, 2009b)

⁸⁸ I tried not to force the issue; after all, his style always seemed so effortless.

⁸⁹ “[f]ortunately, his prose is easier, but presents its own challenges. One of my revelations in translating his plays and short stories is what a great stylist he was. If you translate Nelson and don’t translate his style, you have failed. In the short stories in *Life As It Is* there is a wonderful tension between the highbrow and the lowbrow language.”

Susan Bassnett, em seu livro *Estudos de Tradução* explica que,

[a] tradução é muito mais do que a substituição de elementos lexicais e gramaticais entre línguas e, como se verifica no caso da tradução de expressões idiomáticas e de metáforas, o processo pode passar por descartar elementos linguísticos básicos da língua fonte por forma a atingir o objetivo da “identidade expressiva” entre as duas línguas. Porém, a partir do momento em que o tradutor passa o patamar de estrita equivalência linguística, começa a surgir o problema de determinar a natureza exata do nível de equivalência pretendido.⁹⁰ (Bassnett, 2003, p.54)

Aplicando a teoria de Bassnett no nível da prática, Gregory Rabassa oferece um exemplo muito bom desse processo, quando escreve sobre a tradução do poema argentino *Martin Fierro*. O tradutor explica que,

[i]nfelizmente, não há possibilidade de preservar a estrutura gramatical do original em uma tradução para mostrar que o texto foi escrito em espanhol ou português ou o que for. Isso implicaria a produção de uma espécie de jargão que seria ininteligível para ambos os lados. Ao mesmo tempo, no entanto, deveria haver algum tipo de subcorrente, algum zumbido nos fundos que permita ao leitor de língua inglesa sentir que aquela obra não é um produto original da sua cultura. Isso se deve ao triste fato de que as culturas não se traduzem facilmente. Transformar *Martin Fierro* em um *cowboy* significa arruinar o poema. Tanto o gaúcho quanto o *cowboy* viviam nas planícies, andavam a cavalo, trabalhavam na criação de gado e combatiam os índios, mas seria ridículo pensar em John Wayne como um gaúcho. É a cultura que interessa, e a cultura é na maioria das vezes é feita de detalhes menores: beber mate ou café preto, usar bombachas ou calça de vaqueiro, armar-se de pistola ou de faca. Essas pequenas coisas se somam para fazer as semelhanças desaparecerem. O discurso do gaúcho é peculiar a sua casta, como é o do *cowboy*, mas eles não são intercambiáveis, e traduzir a fala do *cowboy* para o dialeto do gaúcho seria estragar o efeito. É nesse aspecto que o tradutor não pode acompanhar o escritor que está do outro lado da cerca, e precisa se mostrar extremamente criativo. Mantendo-se fiel aos costumes, ele deve imaginar um inglês que o gaúcho falaria se falasse inglês. Obviamente, será pura invenção, mas se for bem sucedida, vai permitir não só que uma língua atravesse a fronteira, mas que uma cultura inteira também o faça.⁹¹ (Rabassa, 1991, p.42)

⁹⁰ “Translation involves far more than replacement of lexical and grammatical items between languages and, as can be seen in the translation of idioms and metaphors, the process may involve discarding the basic linguistic elements of the SL text so as to achieve Popovič’s goal of ‘expressive identity’ between the SL and TL texts. But once the translator moves away from close linguistic equivalence, the problems of determining the exact nature of the level of equivalence aimed for begin to emerge.”

⁹¹ “[u]nfortunately, there is no way we can preserve the grammatical structure of the original in a translation to show that this book was really written in Spanish or Portuguese or whatever. To do so would be to produce some kind of gibberish that would be unintelligible to both sides. At the same time, however, there ought to be some kind of under-current, some background hum that lets the English-speaking reader feel that this is not an English book. This is due to the sad realization that cultures do not translate easily. To make Martín Fierro a cowboy is to ruin the poem. The gaucho and the cowboy lived on the plains, rode horseback, herded cattle, and fought Indians, yet it is ludicrous to think of John Wayne as a gaucho. It is the culture that matters, and culture is most often made up of the lesser details: squatting and sipping *mate* or drinking black coffee, wearing *bombachas* or chaps, relying on the pistol or the long knife. These small things add up to make the similarities disappear. The talk of the gaucho is peculiar to his caste, as is that of the cowboy, but

A meu ver, essa visão do trabalho do tradutor vai mais além das noções de *domesticação* e *estrangeirização* introduzidas por Lawrence Venuti a partir das ideias do teórico alemão do século XIX Friedrich Schleiermacher. Ultrapassa também a visão de Venuti de que uma tradução estrangeirizante “pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, no interesse da democracia nas relações geopolíticas”⁹² (Venuti, 1995, p.20). Ultrapassa inclusive as próprias classificações de Franco Aixelá sobre a conservação ou substituição de itens de especificidade cultural.

Para Rabassa, parece ser mais uma questão de estética, e a solução, em vez de ser uma escolha entre domesticação ou estrangeirização, ou entre conservação ou substituição, é de criar uma “pura invenção”. O papel da interpretação do tradutor nesse processo é indiscutivelmente de uma importância fundamental. O gaúcho que bebe café seria uma domesticação, uma adaptação do perfil do estrangeiro ao que existe na cultura-alvo; já a invenção a que se refere Rabassa é de ordem linguística, e se aplica aos dialetos: ele diz que não se pode buscar um dialeto na cultura-alvo, o que seria uma domesticação, nem ignorar completamente que o estrangeiro fala em dialeto, portanto a solução seria “inventar” uma língua que o personagem falaria se falasse a língua-alvo, em vez de buscar algo já existente e cristalizado no repertório desta.

Assim, se pode entender porque Ladd optou por “não forçar a questão.” É uma tática que protege da possibilidade de criar o gaúcho que bebe café, citado no exemplo de Rabassa, mas também representa uma perda da oportunidade de criar uma “pura invenção”. O próprio Ladd admite na Nota do Tradutor que “as soluções em inglês muitas vezes não são tão vibrantes como no português original. O tradutor tem que aprender a escolher suas batalhas”⁹³ (Ladd, 2009, p. vi).

De qualquer modo, Ladd mostrou muita coragem em traduzir o autor para o inglês. Agora que uma versão em inglês de Nelson Rodrigues finalmente foi

they are not interchangeable, and to translate gaúcho speech into cowboy dialect would be to ruin the effect. Here is where the translator cannot follow the writer from the other side of the fence, but must be most creative himself. Keeping custom in mind, he must conceive of an English that the gaúcho would speak if he spoke English. This will, of course, be pure invention, but if successful it will not only bring a language across the divide, it will bring a culture.”

⁹² “can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.”

⁹³ “the solutions in English are often not as colorful as the original Portuguese. The translator has to learn to pick his battles.”

lançada nos Estados Unidos por uma editora americana, só se pode esperar que o projeto de difundi-lo nesse polissistema cultural continue, tanto por meio do lançamento de outras traduções, como pela maior visibilidade de sua obra através de outros tipos de reescrita, como resenhas e antologias.